



Soraya Silveira Simões*

PÉTONNET, Colette. *L'observation flottante: l'exemple d'un cimetière parisien*, L'Homme, oct-déc. 1982, XXII (4r), pp.37-47

Observação flutuante:
uma observação “desendereçada”
(comentários a respeito da obra de Colette Pétonnet,
especialmente a respeito do método de trabalho de campo)

A oposição cidade-campo foi durante um longo período objeto rigorosamente examinado pela sociologia e antropologia, vindo estabelecer-se no campo acadêmico especialmente através dos estudos realizados em Chicago a partir dos anos 1930.¹ Devido ao vertiginoso crescimento das cidades e aos fluxos migratórios que lhes davam cor e forma, a dicotomia rural-urbano tornou-se, assim, um objeto de tal modo prestigiado que só muito recentemente, a partir dos anos 1960,² iniciou-se toda uma série de críticas das oposições cujos modelos se fundavam em paroxismos de “cidade” e “campo” e segundo olhares não imunes a certo etnocentrismo.³

O argumento da antropóloga Colette Pétonnet, que ora temos a oportunidade de traduzir para o português, não é indiferente a esse debate. Contudo, Pétonnet propõe observarmos antes um método que um objeto. E aí reside a originalidade de sua contribuição para uma etnologia propriamente urbana.

¹ A esse respeito, cf. em especial os trabalhos originais de Robert Redfield (1930 e 1947) e de Louis Wirth (1938).

² Gidéon Sjoberg, em *The Preindustrial City* (1960), apresenta neste livro uma crítica explícita a algumas das hipóteses levantadas por Louis Wirth em *Urbanism as way of life* (1938), embora muitos outros, antes e depois da publicação do livro de Sjoberg, tenham participado desse debate. A esse respeito, ver HANNERZ (1980), especialmente o capítulo 3 e, ainda mais precisamente, os autores citados na nota 3 deste capítulo.

³ HANNERZ desenvolve esse tópico no livro *Exploring the City* (1980).

* Antropóloga, pesquisadora do LeMetro/IFCS-UFRJ e Clercé/Université Lille.



publicado no ano de 1982 em uma edição da revista *L'Homme*⁴ consagrada à antropologia urbana, logo após o simpósio organizado pela Association Française des Anthropologues (AFA) realizado em Sèvres, no ano anterior, o artigo *L'observation flottante – l'exemple d'un cimetière parisien*, de Colette Pétonnet, abria “novas vias”, segundo palavras de Jacques Gutwirth, em um momento em que antropólogos franceses recusavam e excluíam veementemente da disciplina o campo da pesquisa urbana.⁵

Seu primeiro livro, *Ces gens-là*,⁶ publicado em 1968, é um estudo realizado em uma *cit  de transit* dos arredores de Paris.⁷ Trata-se de um marco fundador da antropologia urbana francesa, prefaciado por Roger Bastide. E talvez uma boa introdução ao estilo de pesquisa pouco ortodoxa orientada por André Leroi-Gouhan,⁸ professor de Colette Pétonnet e de toda uma geração de etnólogos franceses que enveredaram pela chamada pesquisa urbana.

Se um *endereço* – uma residência, um estabelecimento comercial ou mesmo um cemitério – é um indicativo de que estamos em uma cidade, evoca, igualmente, o comportamento adequado, uma vez se estando lá. Afinal, não se vai a uma igreja em trajes sumários e tampouco a uma praia em hábitos cerimoniais – pelo menos em princípio.

A observação *flottante*, ao se deixar flutuar – ou, dito de outro modo, ao se mostrar desatenta ao conhecimento *apriorístico* –, se deixa conduzir pelo inesperado, pelo modo como as pessoas se apresentam num dado momento e determinado lugar da cidade – em um dado *endereço*, portanto –, cuja destinação de uso pode parecer insuspeitada.

⁴ *L'Homme*, oct.-déc. 1982, XXII (4r), p. 37-47.

⁵ Em nossa correspondência para a finalização da presente tradução do artigo, mme. PÉTONNET escreve a propósito do interesse em publicá-lo no Brasil: “[...] *il fallait attendre les jeunes générations, car mes contemporains n'estimaient pas que mes travaux fussent de l'anthropologie, et des jeunes d'alors n'ont pas osé me suivre*” (correspondência pessoal, 16 de junho de 2007). A esse respeito, ver também o testemunho de GUTWIRTH no artigo *Science et Amitié: paramètres inseparables*, in *Paroles offertes à Colette Pétonnet à l'occasion de son départ à la retraite*, DAPHY (org.), 1996.

⁶ Paris, Maspero, 1968.

⁷ As *cit es de transit* eram conjuntos residenciais concebidos por Abbé Pierre, nos anos 1950, para alojar moradores das *bidonvilles* francesas. No Brasil, iniciativa similar foi a de Dom Helder Câmara, na mesma época, através da Cruzada São Sebastião. A esse respeito, ver SIMÕES, 2008.

⁸ André Leroi-Gouhan (1911-1986) fundou o Centre de Formation   la Recherche Ethnologique (CFRE), do Musée de l'Homme, em 1947, um ano após assumir o posto de vice-diretor do museu. Durante alguns anos, o CFRE foi o único centro de forma o na França para o exercício do *métier* de etnólogo. Aluno de Marcel Granet e de Marcel Mauss, que dirigiu sua tese *Archeologie du Pacific Nord*, Leroi-Gouhan desde muito cedo se interessou pela evolu o técnica e pela circula o dos objetos entre as mais variadas sociedades. Foi professor de arqueologia na Universit  de Lyon e titular da cadeira de Etnologia da Sorbonne. Publicou, entre outros trabalhos, *La civilisation du Renne* (1938), *L'Homme et la mati re* (1943, v. 1, e 1945, v. 2) e *Le Geste et la Parole* (1964, v. 1, e 1965, v. 2).



Descobrimos, na companhia de Colette Pétonnet, os usos que habitantes de Paris fazem do cemitério do Père-Lachaise e percebemos, através desse tipo de observação “sem endereço”, os múltiplos significados que os cidadãos dão aos mais variados lugares da cidade e ao espaço de tempo em que suas vidas neles transcorrem.⁹

Deixando momentaneamente de lado as proposições distribuídas no espaço urbano pelo planejamento oficial, nos encontramos com a dimensão cotidiana, mais íntima e individual que constitui os mapas cognitivos, os “planos” do cidadão ele mesmo.

O método da observação participante, por muitos atribuído a Malinowski, mas efetivamente trazido à luz por Foote-Whyte, pressupõe um *partilhar algo, um fazer junto ou um fazer com* – em síntese, *participar* reserva para o observador algum tipo de constrangimento, na medida em que a ideia de *participar* revela um *modo* de fazer, um *sentido* para a ação, uma *direção* para o ato. Consequentemente, neste caso, devemos dar conta de uma *submissão*, ainda que sutil, a um tempo: ao tempo do outro, ao tempo de um fazer. Se observar pode ser um gesto solitário, participar exige um *savoir-faire* compartilhado.

A observação flutuante, por sua vez, exige do observador um grau considerável de disponibilidade para, em um encontro fortuito, sem hora marcada, identificar o início de uma viagem. Uma viagem muito particular ao sentido que o outro dá àquilo que ali veio fazer. A observação flutuante, por princípio, termina onde começa a observação participante. Ela não tem endereço, ela não se destina, ela não conhece, nem partilha nada antecipadamente. É um tipo de observação “desendereçada” – mas não desinteressada – e, portanto, capaz de captar a expressão mais etérea do que é o urbano.

Livros publicados por Colette Pétonnet

1968 – *Ces gens-là*, Paris, Maspéro, 253 p. [prefácio Roger Bastide].

1972 – *Eintégration des Harkis de Vanvey et de Baigneux-les-Juifs (Côte d’Or) à la société française*. Paris: Institut d’ethnologie (Archives et documents),

⁹ Freud, já em 1912, recomenda a técnica da *atenção flutuante* aos que exercem a psicanálise. Esta consiste “numa suspensão tão completa quanto possível de tudo aquilo que a atenção habitualmente focaliza: tendências pessoais, preconceitos, pressupostos teóricos”, de maneira que o psicanalista não privilegie *a priori qualquer elemento do discurso do paciente*, “o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção” (Cf. LAPLANCHE e PONTALIS, 1998: 40). Segundo essa definição, a recomendação técnica para uma *atenção flutuante* “constitui o correspondente da regra da associação livre proposta ao analisando”. Agradeço aos antropólogos Leticia de Luna Freire e Marco Antonio da Silva Mello por essa lembrança e esclarecimento.



microfiches 60 p. [micro-édition de 1968, mimeo, realizada no âmbito da cooperação dirigida por M. RAULIN].

1973 – *Those People. The Subculture of a Housing Project*. Westport Connecticut: Greenwood Press (Contributions in Sociology 10), 293 p. [trad. Rita Smidt, 1968, *Ces gens-là*].

1979 – *On est tous dans le brouillard. Ethnologie des banlieues*. Paris: Galilée (Débats). 259 p. [prefácio André Leroi-Gourhan].

1982 – *Espace habités. Ethnologie des banlieues*. Paris: Galilée (Débats). 174 p.

1985 e 2002 (nouvelles éditions revues et augmentées) – *On est tous dans le brouillard. Ethnologie des banlieues*. Paris: Comité des travaux Historiques et Scientifiques. 320 p.

Referências

GUTWIRTH, Jacques. *Science et Amitié: paramètres inseparables*. In *Paroles offertes à Colette Pétonnet à l'occasion de son départ à la retraite*, DAPHY, Eliane (org.). Paris: Laboratoire d'anthropologie urbaine, CNRS, 1996.

HANNERZ, Ulf. *Exploring the City*. New York: Columbia University Press, 1980.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean B. *Vocabulário da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998. 552p.

REDFIELD, Robert. *Tepoztlan, a Mexican Village*. Chicago: University of Chicago Press, 1930.

———. *The Folk Society*. *American Journal of Sociology*, 41: 293-308.

SIMÕES, Soraya Silveira. *Cruzada São Sebastião do Leblon: uma etnografia do cotidiano e da moradia dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Niterói: PPGA/ICHF-UFF, 2008. 424p.

SJOBERG, Gidéon. *The Preindustrial City*. New York: Free Press, 1960.

WIRTH, Louis. *Urbanism as a Way of Life*. *American Journal of Sociology*, 44: 1-24.